

C. B. P. E. Tradução

COMO A EDUCAÇÃO MUDA A SOCIEDADE

Robert J. Havighurst
Professor de Educação
Universidade de Chicago

Ao escrever sobre o século vinte, o historiador provavelmente a êle se referirá como o século da transformação social universal. Descobrirá as esperanças e as frustrações, as visões e as perplexidades dos que se viram envolvidos pelo processo, alguns ansiosos pela modificação, outros resistindo a ela.

Conquanto a mudança não seja uma novidade para o mundo, contém agora um novo e moderno elemento que outrora não desempenhara tão importante papel nos processos de mudança social. Esse elemento novo é a educação. A concepção da educação como geradora de mudança é uma concepção moderna.

Este trabalho analisa algumas das relações da educação com a transformação do mundo moderno e aborda a questão básica do grau e da modalidade da ação causal da educação nos processos de mudança.

Ao se discutir a influência da educação sobre a sociedade, convém começar por definir, em linhas gerais, a educação como aquilo que a sociedade transmite aos jovens a fim de os ensinar a vencer como adultos. Por conseguinte, toda sociedade tem um sistema de educação, muito embora possa não dispor de instituições educacionais, como escolas e universidades.

A educação é ministrada em todas as sociedades pelas instituições ^{da} familiar, religiosa, política e econômica, a que chamaremos, neste trabalho, de "instituições sociais básicas". De um modo geral, à medida em que as sociedades se tornam mais complexas, criam instituições educacionais específicas para desempenhar certas funções educacionais que, nas sociedades mais simples, eram exercidas pelas instituições sociais básicas que acabei de mencionar. A educação proporcionada pelas escolas, colégios e universidades chamaremos de educação convencional, distinta da educação não convencional administrada pelas instituições sociais básicas.

Os Dois Aspectos da Educação

A educação, quando encarada em relação à sociedade, tem dois aspectos gerais. Em primeiro lugar, a educação é o fator estabilizador ou perpetuador da sociedade e, em segundo lugar, é um agente de mudança. Na qualidade de fator estabilizador a educação espelha o que já existe na sociedade, refletindo-o nas vidas da geração seguinte. Como agente de mudança a educação atua sob a influência de forças técnicas ou ideológicas a fim de tornar a nova geração diferente de sua antecessora.

A função estabilizadora, cultural e perpetuadora de educação é mais claramente notada nas sociedades simples que ainda não criaram instituições educacionais especializadas. Isto se poderá observar no Sudoeste dos Estados Unidos onde as antigas e praticamente inalteradas culturas indígenas Pueblo, vivem lado a lado com a dinâmica cultura americana e onde grande parte desses índios Pueblo participa de ambas as culturas. Um desses índios Pueblo, da tribo Hopi, nascido em cerca de 1890, deu-nos sua autobiografia (1). Esse homem, quando menino, recebeu a educação tradicional dos Hopi e, mais tarde, foi mandado para um internato do governo, onde recebeu a educação dos brancos. Assim nos fala ele da primeira educação que lhe foi dada pela família e pelas outras instituições sociais básicas:

"Aprender a trabalhar foi um divertimento. Nós, crianças, andávamos atrás dos mais velhos e copiávamos tudo o que eles faziam. Seguíamos nossos pais nos campos e os ajudávamos a plantar e mondar. Os velhos nos levavam a passear e nos ensinavam os usos das plantas e como as colher. Juntávamos-nos as mulheres quando apanhavam "rabbitweed" para fazer cestas e as acompanhávamos quando iam buscar barro para esculpir os potes. Provávamos o barro, tal qual o faziam as mulheres, para experimentar sua consistência. Vigávamos os campos a fim de espantar os passarinhos e os roedores, ajudávamos a colher os pecegos que se punham ao sol para secar e a apanhar os melões que se carregavam morro acima. Levávamos os burros quando iam colher o milho, carregar lenha ou apascentar as ovelhas. Na construção das casas ajudávamos um pouco, carregando barro para cobrir os telhados.

* designação local da planta com que as mulheres indígenas da região tecem as suas cestas.

Assim crescíamos, fazendo coisas. Os mais velhos dizem que ser indolente é uma vergonha e que todo menino preguiçoso deveria ser surrado".

O menino, que mais tarde ocuparia a importante posição de "chefe-sol" foi iniciado aos seis ou sete anos de idade época em que as crianças Hopi aprendem os mistérios religiosos mais simples. Anteriormente recebera parte de sua educação moral por ocasião das visitas dos Katsinas (aldeões disfarça dos em seres sobrenaturais).

A este respeito diz êle:

"Vi uns gigantescos Katsinas com uns enormes bicos pretos e dentaduras imensas que pareciam umas serras, esgueirando-se aldeia a dentro. Um dêles carregava uma corda para laçar as crianças desobedientes. Defronte de uma determinada casa, parou e chamou um menino. "Você tem sido mau", ralhou êle. "Briga com as outras crianças. Mata as galinhas. Não dá ouvidos aos mais velhos. Viemos aqui hoje para o levar e comer". O menino chorou e prometeu e mendar-se, mas os gigantes ficaram mais zangados ainda e ameaçaram-no de amarrar e levar embora. Os pais do menino então intercederam, pedindo-lhes que poupassem a vida e oferecendo-lhes carne fresca em troca. Guardando a carne em sua cesta o gigante advertiu o menino que teria mais uma oportunidade para corrigir o seu procedimento. Eu estava tão apavorado que sumi de vista. Ouvira contar que aquêles gigantes se podavam dos meninos e os comiam de verdade."

É fácil de ver como a tradicional e inalterada cultura Hopi fôra profundamente implantada no menino, sem qualquer auxílio de educação convencional, pela família e as demais instituições sociais básicas; de tal maneira que lhe permitiu contribuir com sua parte, transmitindo essa cultura intacta.

A mesma função perpetuadora da cultura é encontrada nos sistemas educacionais altamente desenvolvidos das sociedades modernas, principalmente na escola elementar que se destina a ensinar noções básicas de leitura, escrita e aritmética, e os princípios básicos de lealdade à família, à comunidade e à nação.

Sob seu outro aspecto, na qualidade de agente de mudança, a educação visa muito claramente a revolução vitoriosa, quando o governo procura servir-se da educação para impulsionar a sociedade em direção às suas metas revolucionárias. Por e-

xemplo, a revolução russa de 1917 foi seguida de um extenso em prêgo da educação de adultos e da reforma das escolas. Como o regime comunista não confiava na Igreja e como, até certo ponto, desconfiava da família russa, retirou completamente do contrôle da Igreja e, tanto quanto possível, do contrôle da família, a responsabilidade do ensino. O Estado, em colaboração com os sindicatos operários, reorganizou a educação convencional no país e criou um corpo de professores que aceitava plenamente ^{os objetivos da} a revolução.

Sempre que se processa u'a mudança revolucionária em uma sociedade moderna, é a educação utilizada, pelo grupo que detém o poder, para acelerar e consolidar as mudanças, ideológicas ou técnicas, visadas pela revolução.

Além do mais, uma sociedade cuja mudança se processa de forma mais lenta e evolutiva, também se utiliza da educação para fomentar a transformação e nela se apoia mais completamente do que a sociedade revolucionária que dispõe de outros meios, mais drásticos, para efetuar as mudanças que deseja.

O Exercício da Função Educativa é Uma Indicação de Fôrça em Uma Instituição Social Básica.

As instituições sociais básicas de uma sociedade, quer seja ela estável, ou esteja sofrendo um rápido processo de transformação, revelam geralmente sua fôrça pela extensão de sua influência educativa. Por exemplo, no Brasil, a evolução e a transformação ocorridas na fôrça relativa das instituições sociais básicas foram acompanhadas de modificações em sua fôrça educativa. Este é um exemplo típico porque o Brasil é uma grande nação que está passando por mudanças já experimentadas pela Europa e a América do Norte. No Brasil, como em outras nações latinas, o direito romano imprimiu à família maior fôrça e coesão do que a lei anglo-saxônica, nos países anglo-saxões. E is porque os países latinos possuem maior tradição de poder da família e de sua responsabilidade sôbre seus membros. Mas a família tradicional brasileira não possui apenas uma ampla influência educativa intrínseca; tem ainda grande poder sôbre a experiência educacional de seus membros, no que diz respeito à

extensão de sua educação convencional e aos estudos que eles deverão seguir na escola secundária e na universidade.

Durante os dois primeiros séculos a educação convencional esteve praticamente sob o contrôlo absoluto da Igreja Católica que era intimamente ligada à Côrte de Portugal. Atualmente, não possui a Igreja a mesma força em questões de educação, conquanto administra uma rede de escolas e universidades no país. E de maneira indireta, a Igreja exerce também sua influência sôbre a família brasileira.

O Estado, por outro lado, principalmente depois de instituída a República, separou-se da Igreja e estabeleceu um sistema de educação financiada pelo govêrno, que inclui educação superior gratuita. No século presente, a urbanização e industrialização do Brasil têm-se desenvolvido crescentemente, aumentando, em consequência, o poder do Estado e das instituições econômicas, sob a forma de interêsses industriais e comerciais. Esse crescimento de poder foi acompanhado de um maior interêsse pela educação dos trabalhadores e pelo seu financiamento por meio de taxas para êste fim impostas ao comércio e a indústria. É desnecessário dizer que a instituição da família enfraqueceu-se no Brasil, no século presente, enquanto as instuições políticas e econômicas adquiriram mais força, força essa que afirmaram com sua redobrada atividade no setor da educação. Em geral o propósito dessas instituições foi estender consideravelmente o âmbito da educação primária e secundária e dar maior atenção à formação de trabalhadores na indústria e no comércio. Esta tendência coaduna-se com as mudanças sociais já em processo e contribuirá para torná-las mais efetivas.

A Educação numa sociedade em mudança

Um vez que uma sociedade em mudança significa uma sociiedade cujas instituições sociais básicas estão em via de transformação, poderemos perguntar de que maneira a educação se relaciona a essas modificações institucionais básicas, como por exemplo, transformações na técnica, na organização política, na estrutura social, nos meios materiais e padrões de vida, nas a

titudes a respeito do sobrenatural, nos valores e nas práticas estéticas, nas formas de educar as crianças e nas relações entre os sexos.

A fim de vermos de que maneira a educação ^{convencional} formal se relaciona a êsses diversos aspectos da mudança, teremos primeiramente que modificar a distinção simples que estabelecêramos anteriormente entre a educação como fator perpetuador de uma sociedade e a educação como agente de mudança. A educação convencional em uma sociedade contemporânea não é, nem uma, nem outra coisa, é ambas ao mesmo tempo. Em alguns setores da cultura, a educação busca a transformação enquanto, em outros, poderá resistir a ela e até mesmo desprezá-la.

19
13
As espécies de mudança social mais eficazmente produzidas pela educação são aquelas (1) que podem ser rapidamente ensinadas e (2) que a sociedade geralmente aprova. Portanto, novos tipos de especialização e conhecimentos técnicos e novas técnicas ocupacionais são rapidamente introduzidos na sociedade através da educação, assim como novos modos materiais de vida. Por exemplo, a formação de médicos e engenheiros tem mudado consideravelmente, com a aprovação geral da sociedade. Outros exemplos de mudanças sociais, conseguidas através da educação, são os automóveis, os aparelhos elétricos de uso doméstico e o emprêgo de vitaminas.

Os setores de mudança social menos sujeitos à influência da educação são aqueles sobre os quais 1) paira algum tabú ou 2) certa controvérsia. Como exemplo de tabú tomemos as relações entre os sexos. Parece fora de dúvida que as relações físicas e sociais entre os sexos transformaram-se consideravelmente na civilização ocidental durante o último século, e ainda se estão rapidamente transformando nos nossos dias. A educação convencional, entretanto, geralmente, ou negligenciou esse setor ou ministrou o ensino conservador, a fim de preservar as velhas formas de relações entre os sexos.

Um exemplo da dificuldade de se utilizar a educação para efetuar transformações sociais em setores controvertidos é o que nos apresenta o conflito em torno da política externa dos

Estados Unidos da América do Norte. É este um setor em que nos pareceria que a educação poderia desempenhar importante papel; na realidade houve hábeis e importantes esforços no sentido de se utilizar a educação como um agente de mudança, principalmente através de projetos de educação de adultos, como os da "American Foreign Policy Association" e através de colégios e universidades. Mas as escolas secundárias de várias comunidades foram impedidas de ministrar, conveniente e lealmente, o ensino sobre relações internacionais por ser o assunto muito controverso. Isto faz com que o professor, ou deixe de lado o assunto, ou o aborde de maneira "segura", o que geralmente significa de maneira conservadora ou de forma tal que evite qualquer mudança.

Observando as instituições sociais básicas de uma sociedade moderna, vemos que elas se transformam e, conseqüentemente, transformam o conteúdo do ensino não convencional. Também as instituições básicas de uma sociedade moderna servem-se da educação para se transformarem a si próprias, por assim dizer.

A família moderna, por exemplo, é um fenômeno social diferente da família de cem anos atrás, da Europa e da América do Norte, da Rússia e da Índia, da China e de várias outras partes do mundo. Essas transformações ocorridas na família são determinadas por modificações técnicas e ideológicas, sendo ainda deliberadamente provocadas, em alguns países, pela educação especificamente destinada a transformar a família. Assim, nas universidades e escolas secundárias dos Estados Unidos, existem vários cursos sobre a família, não tanto sobre a história e a sociologia da família, quanto sobre o comportamento e as atitudes próprias aos jovens no seio de suas famílias. Esses cursos têm denominações tais como "A vida em Família" ou "Relações de Família" e se destinam explicitamente a auxiliar os jovens a levar uma espécie de vida diferente da que viveram os seus pais, um modo de vida que preserve determinados valores da família mais velha, mas que procure novos meios de realizar velhos valores, ao mesmo tempo em que busque valores novos.

A Igreja também nos dá mostra de utilizar esse meio explícito da educação para se transformar. As igrejas Protestantes da América do Norte e da Europa foram, talvez, as que mais avançaram a este respeito, servindo-se dos métodos de educação de adultos para conseguir que os seus membros, leigos e eclesiásticos, levassem em consideração as reformas de organização eclesiástica, da política da Igreja sobre assuntos sociais, tais como relações de raças, reformas das práticas e princípios das missões no estrangeiro, e reformas nas relações das igrejas de uma nação com as igrejas de outras nações.

O Estado nacional da atualidade igualmente se utiliza da educação para efetuar sua própria transformação, o que é também um fenômeno relativamente novo. Os estados nacionais, ou nações modernas, que começaram a surgir na Europa no século dezesseis, processaram sua transformação por meios políticos e militares antes que educacionais. Posteriormente, com o advento da revolução industrial, os estados nacionais foram envolvidos por profundas mudanças sociais que afetaram suas populações em processo de rápido crescimento. Foi este o sinal para o desenvolvimento de sistemas nacionais de educação, destinados a alfabetizar o povo, tornando-o mais eficiente, tanto na qualidade de trabalhadores como na de cidadãos, e a lhes inculcar sentimentos de lealdade. A princípio os governos nacionais aventuraram-se cautelosamente no campo da educação convencional, limitando-se a auxiliar a Igreja e várias organizações educacionais filantrópicas a proporcionar educação gratuita aos filhos dos pobres. Esta foi a prática seguida pelo governo da Grã-Bretanha na primeira metade do século dezenove, prática eloquentemente defendida por John Stuart Mill em seu "Ensaio sobre a Liberdade", no qual argumentara que o Estado deveria limitar-se, tanto quanto possível, a impor a educação universal, deixando a cargo da família e da Igreja o suprimento da educação em uma ampla variedade de formas aptas a garantirem a liberdade da pessoa humana. Fêz várias objeções à educação estatal, declarando: "Condeno tão veementemente quanto qualquer outra pessoa que se confie ao Estado toda ou grande parte da edu

cação do povo. Tudo quanto se tem dito sobre a importância da individualidade de caráter e a diversidade de opiniões e modos de conduta, implica, segundo a mesma ordem de inestimável importância, na diversidade da educação. Uma educação estatal generalizada é um simples expediente para transformar as pessoas em verdadeiras cópias, uma das outras: e como o molde em que se as modela é o que convém à força predominante no governo, seja ela uma monarquia, uma teocracia, uma aristocracia ou a maioria da geração atual, na medida em que fôr eficiente e bem sucedida, estabelecerá um despotismo sobre o espírito que, por tendência natural, levará ao despotismo sobre o corpo." (2)

Apesar da lógica desse raciocínio, ele parece estranho hoje em dia, quando os estados nacionais realmente promovem a educação estatal generalizada que se julga indispensável como parte da tarefa de exercer um bom governo, seja ele uma democracia ou qualquer outro regime. O Estado administra uma sociedade em transformação, utilizando a educação para adaptar seu povo à reforma e ao controle da reforma em prol dos valores da sociedade.

Nos Estados Unidos, por exemplo, à medida em que as relações entre negros e brancos se transformavam no sentido de maior igualdade, ocorreram mudanças na indústria, nas igrejas, na política do governo; mas talvez a questão de maior projeção, aquela que suscitou o maior número de lutas acirradas, foi a segregação racial nas escolas públicas. O Estado, através da Corte Suprema, firmou jurisprudência contra a segregação racial na educação pública, forçando, assim, uma importante mudança da sociedade. É este um exemplo da tentativa de se utilizar a educação como um instrumento de modificação em um setor de controvérsia; a grande resistência que se lhe opõe é uma prova de quanto é difícil sua realização.

As instituições econômicas de uma sociedade em transformação utilizam-se também da educação como um meio de trabalhar pela transformação eficaz. A indústria conta com o sistema educacional para a formação de trabalhadores que se adaptem às suas mudanças e para o preparo de profissionais - engenhei-

ros, cientistas, e administradores de empresas comerciais- que constituem o pessoal-chave nas modernas organizações industriais. Além disso, a indústria serve-se dos meios educacionais para treinar seus próprios empregados nas funções específicas que terão de exercer. Dêsse modo, uma vasta empresa industrial, como a "International Harvester Company," que faz transações em todo o mundo, mantém uma espécie de universidade particular para a formação de seus próprios funcionários em posições importantes, quer no setor administrativo quer no de vendas.

A educação convencional na escola e na universidade é, indiscutivelmente, um instrumento indispensável para a efetivação da reforma de uma sociedade em mudança e, como tal, é utilizada pelas instituições básicas da família, da igreja, do governo e da economia. Por outro lado, uma sociedade cuja mudança não se processa tão rapidamente, como a da Europa medieval, serve-se da educação, sobretudo, como um agente estabilizador para perpetuar o status quo. Uma tal sociedade tem menos necessidade da educação do que a que está "em marcha".

A Educação e a Transformação Social nas Sociedades Industriais Urbanas, Contemporâneas

A educação convencional é mais comumente utilizada para realizar a transformação social nas modernas sociedades industriais urbanas. A fim de se conhecer o que motiva êste fato, convém observar o Brasil. Desde os tempos de sua colonização, em princípios do século dezesseis, até que se tornou uma República, ao findar-se o século dezenove, o Brasil provia a sua subsistência com produtos extraídos do solo e com a sua exportação, pau brasil, açúcar, ouro, diamantes, café, borracha, algodão. Tudo isso era feito por meio de uma pequena aristocracia e de uma grande classe constituída primordialmente por escravos. Em todo êsse período visou a educação preservar aquêlê tipo de estrutura social. Por volta de 1900, teve início no Brasil uma rápida industrialização, processo êsse acelerado por duas guerra mundiais. Em consequência, sobreveio o nascimento de grandes cidades, a transferência da população do interior pa

ra os grandes centros industriais e, fato mais importante por constituir a chave da modernização de uma sociedade, o nascimento de uma classe média de pessoas nas profissões liberais e administrativas, especialmente educadas para exercer essas funções dirigentes. E, assim, tornou-se indispensável um moderno sistema de educação para o desenvolvimento do Brasil em uma ração industrial moderna.

Na Rússia podem-se observar variações sobre o mesmo tema do aparecimento de uma classe de administradores e técnicos educados, que constituíram uma ponta de lança na conquista de transformações sociais, conquanto a estrutura política em que estas ocorreram fôsem diferentes da que existia na maioria dos demais países.

A classe média vive e cresce hoje por meio da educação, constituindo o cerne da sociedade moderna. As modificações que nela se processam não podem deixar de se refletir nas que se verificam no campo da educação.

Toynbee, ao discutir o porvir da sociedade ocidental, tal como era observada em meados de século vinte, já fazia especulações sobre o futuro dessa classe média (3). No "período áureo" da classe média do Ocidente, que êle situa entre o começo da Revolução Industrial e a irrupção da 1ª guerra mundial, existia uma tremenda força que lutava pela reforma social, a saber, "o poder material coletivo do Homem" que fazia pressão "severa como a geada e quase tão profunda como a vida" (4) sobre toda a sociedade. Esse poder tremendo foi dirigido e liberado pela habilidade, a sabedoria e o "inquebrantável entusiasmo pelo trabalho" da classe média. Por sua liderança, foi a classe média recompensada com o êxito e os benefícios. Mas, por volta de meados do século vinte, depois das duas guerras mundiais, diz Toynbee que o caráter dessa classe média fôra "soplado por uma restrição progressiva do campo da livre iniciativa e da crescente arregimentação dos remanescentes dessa livre iniciativa que conseguiram provisoriamente sobreviver". As condições prevaescentes em meados do século vinte transformavam os homens, tanto no comércio, como nos setores profissionais, em funcionários do estado ou de gigantescas empresas co-

merciais, não governamentais, que, por serem quase tão vastas quanto o estado, eram igualmente impessoais e estavam criando uma classe de "servidores públicos" em substituição aos empreendedores da idade de ouro. Toynbee achava que isto ocasionava tanto vantagens quanto prejuízos à sociedade ocidental. A principal vantagem era a "subordinação do propósito egoísta do lucro econômico individual à finalidade altruística de servir ao interesse público". Isto já ocorrera em outras civilizações, a "reorientação das aptidões e da experiência de uma classe até então predatória para servir a finalidades sociais e não anti-sociais." Esse esforço, entretanto, falhou nas outras civilizações (Helênica, Chinêsa, Hindú) que se desintegraram porque, na classe média, a "virtude soberana da integridade moral era contrabalançada pela falta de entusiasmo, pela repugnância a tomar iniciativas ou a correr riscos, e pelo ímpeto de adquirir a segurança pessoal que, tanto quanto a sede de conquista do poder e da fortuna pessoais poderiam conspirar contra o interesse público." E Toynbee indaga se a classe média do Ocidente saberá cumprir sua tarefa histórica de organizar e manter um sistema de ordem internacional política e econômica, que acredita ser indispensável à sobrevivência da civilização ocidental.

Quer se concorde ou não com a análise de Toynbee, é este um bom exemplo do problema do papel da educação na transformação social de uma sociedade moderna. No caso de ser a educação um mero instrumento acionado por forças cegas, a classe média que estas criaram, seguirá provavelmente o caminho de grupos análogos que em outras civilizações se desintegraram. Mas se ela puder engendrar e controlar a transformação social, então a função da universidade, em nossos dias, será ensinar à classe média da próxima geração como conservar viva a civilização moderna, como fazê-la evoluir para uma nova ordem universal, ensinar aos homens e mulheres, destinados a assumir a direção da organização e administração dessa nova ordem universal, dos conhecimentos e das especializações técnicas, bem como das atitudes que manterão neles o "inquebrantável entusiasmo pelo trabalho" em benefício dessa missão.

A Educação como causa da mudança

O presente trabalho pretendeu até aqui indicar que as forças determinantes da mudança de uma sociedade atuam a-través da educação, não como um resultado planejado da mesma. Por exemplo, quando a tecnologia evolui a ponto de necessitar de mais engenheiros, o sistema educacional produz mais engenheiros. Estes, porém, não se aliam de moto próprio aos industriais para juntamente resolverem se, no interesse da sociedade, haverá ou não necessidade, num futuro mais ou menos remoto, de um número maior de engenheiros, a fim de poderem agir de acordo com a decisão tomada.

De um ponto de vista geral, a educação convencional de uma sociedade espelha e reflete o que já existe nessa sociedade, inclusive as forças e os movimentos que determinam a transformação. Poder-se-ia, por conseguinte, julgar a educação como um simples instrumento, um conjunto de processos que se desenvolvem nas escolas e universidades e nos cérebros do homem- que obedece às decisões de indivíduos poderosos, acionados por sua vez por modificações que lhes exigem ações.

Isto parece proceder no caso dos programas da Assistência Técnica, através dos quais numerosas nações se estão transformando. Por meio do Programa de Assistência Técnica das Nações Unidas e de programas análogos de várias nações, inclusive a Inglaterra, a Rússia e os Estados Unidos, os dirigentes dos países menos desenvolvidos estão em vias de provocar, deliberadamente, a mudança de suas próprias sociedades; e a assistência técnica consiste, essencialmente, em educação, quer treinando pessoas para porem em prática determinados métodos de trabalho, quer ensinando o público em geral a adotar novos modos de vida. Assim é que o governo de Porto Rico, ao planejar importantes melhorias na vida de seu povo, serve-se da educação a fim de realizar essas transformações.

As mudanças originam-se, às vezes, nos cérebros dos dirigentes de um governo autônomo, como o da Índia, e podem ser determinadas por governadores de países coloniais, como foi o

caso do Congo Belga. Cumpre salientar que as mudanças em geral promovidas pela Assistência Técnica são do tipo que acima classificamos de técnicas ou transformações nos modos de vida materiais, sobre as quais pouca ou nenhuma controvérsia existe.

Entretanto, não é inteiramente exato afirmar-se que a educação atua como um instrumento de mudança, depois de se chegar à decisão de que ela é desejável. Há um impulso de transformação implícito na própria educação, como hoje reconhecemos. As escolas e universidades apresentam fatos e idéias aos que nelas estudam. As idéias são ativas. Os pesquisadores descobrem novos conhecimentos. O conhecimento dá força. Quem poderá dizer que a idéia de um campo eletromagnético, que ocorreu aos físicos no início do décimo nono século e deu origem ao gerador elétrico, não contribuiu mais para a mudança social do que qualquer ato do governo ou a formação de qualquer grande empresa industrial? A equação de Einstein que estabelece a equivalência da energia e da matéria foi, durante anos, apenas uma idéia, mas uma idéia necessária na senda da descoberta do segredo que libertou a energia atômica. Essas grandes idéias frutíferas, foram, simultaneamente, quer o produto de novos tempos, quer do cérebro humano. Não foram originadas por qualquer processo planejado.

A educação é certamente capaz de provocar a mudança, tanto quanto de realizar modificações planejadas de antemão. Entretanto, talvez não possa deixar de causar a mudança, às cegas, como parece ter sempre acontecido no passado. A função da educação é buscar a verdade e a busca da verdade tem sempre provocado a mudança da sociedade. O intelecto humano, ao trabalhar em um ambiente educacional, quer focalize o mundo físico, o mundo sociológico ou o mundo das idéias, sempre descobre alguma verdade nova, e essa verdade nova tem muitas vezes contribuído para a mudança da sociedade.

Parece-me justo concluir que a educação sempre contribuirá para a transformação, nas condições atuais, quer dos processos industriais de uma sociedade, quer das suas crenças religiosas ou de seus padrões morais, quer ainda em outros setores da vida.

Trabalhando por melhorias materiais, a educação está desempenhando uma função bem aceita e relativamente bem compreendida pela sociedade. Mas, ao descobrir novas verdades que provoquem a mudança de aspectos não-materiais da vida, a educação agirá um pouco às cegas, os resultados de sua influência não serão facilmente previstos e surgirão novos pontos de controvérsia.

Poderá a Educação ser Utilizada Para
Impedir a mudança?

Pode a educação ser de tal forma organizada e dirigida que impeça a reforma social e perpetue ou estabilize uma determinada ordem ou estrutura social?

A educação é sem dúvida eficazmente utilizada para conservar valores tradicionais. Mas em uma sociedade moderna, o próprio fato de se conservarem valores, parece exigir transformações na sociedade, engendradas pela educação. Por exemplo, para se conservarem determinados valores da família em uma sociedade em mudança, talvez seja necessário fazer certas modificações na família. Para conservar e realizar os valores da democracia parece necessário modificar as sociedades modernas de várias e importantes maneiras.

A educação pode ser utilizada para esclarecer problemas e, portanto, para dirigir o curso da mudança. Em uma situação explosiva, inconstante, devida, por exemplo, a um conflito entre operários e a administração, a educação poderá servir para esclarecer melhor o problema a ambas as partes, permitindo-lhes chegar a um acôrdo que substitua a mudança drástica por outra mais branda.

Não poderia, entretanto, uma educação restrita às simples aptidões mentais e às técnicas mecânicas de uma sociedade moderna, ser manipulada por homens poderosos -como em "Brave New World" de Huxley? Em outras palavras, poder-se-ia ensinar à massa popular apenas aquilo que lhes fôsse necessário para administrar a economia de uma sociedade, enquanto um pequeno mas poderoso grupo conservaria e manipularia os cordões a fim de impedir ou realizar as mudanças, à sua vontade? Uma tal edu

cação poder-se-ia transformar no "ópio do povo".

Isto, entretanto, dificilmente ocorreria, porque qualquer sistema gratuito de ensino superior, acessível a todas as pessoas dotadas, originaria fatalmente modificações que não poderiam ser manipuladas por pequenos grupos no poder.

Consideremos, por exemplo, os resultados prováveis da educação dos nativos, na União Sul-Africana, onde uma minoria de 2,5 milhões de brancos é responsável por uma sociedade que inclui 10 milhões de pessoas não-brancas, principalmente das tribos Bantú, que apenas emergiu de uma vida social simples e primitiva.

Atualmente o Partido Nacionalista, que controla o governo de União Sul-Africana, está pondo em prática a Lei Bantú sobre Educação que, segundo alguns, visa a impedir a melhoria da posição social dos nativos e a perpetuar o atual regime de hegemonia dos brancos. Os dirigentes nacionalistas provavelmente esperam manter tanto quanto possível o status quo nas relações raciais da África do Sul, o que significa manter o povo Bantú na presente situação social e econômica de subordinação.

A Lei Bantú sobre Educação e a administração da educação pelo governo da África do Sul prevêm, entretanto, a crescente extensão da educação a um número cada vez maior de nativos, educação essa que deverá produzir mais trabalhadores especializados, mais enfermeiras, médicos, professores e advogados. E, inevitavelmente, as forças desencadeadas pela educação na sociedade Bantú determinarão profundas mudanças não só na própria sociedade como nas relações entre o seu povo e os brancos.

É possível que o Partido Nacionalista da União Sul-Africana tenha resolvido negar aos Bantús uma educação moderna, mantendo-os, assim, ou devolvendo-os à sua primitiva posição social. Isto, entretanto, não o toleraria a consciência dos brancos sul-africanos, nem a consciência do mundo moderno, pois, em todo o universo, a educação é hoje considerada direito de todos. A educação dá capacidade e poder a quem quer que a utili -

ze e, por conseguinte, a que hoje está recebendo o povo de Bantu, muito embora calculada para torná-lo dócil e para mantê-lo em posição subordinada em relação aos seus vizinhos brancos, não poderá deixar de lhe emprestar novas forças e ^{le} suscitar novas aspirações, fornecendo-lhe a força provocadora de mudanças.

Conclusão

Duas afirmações podem ser feitas com respeito à educação em relação à mudança social. Em primeiro lugar, a educação é um poderoso instrumento de mudança social em uma sociedade que sabe o que deseja mudar. As transformações, geralmente, se processam na tecnologia e nos modos materiais de vida. Nos países menos desenvolvidos, os programas atuais de Assistência Técnica destinam-se a possibilitar essa mudanças.

Em segundo lugar, a educação, em sua busca da verdade, resulta por sua vez em mudanças sociais, tais mudanças, entretanto, não são previamente planejadas e, às vezes, não são bem recebidas pelo povo e pelo grupo no poder.

Atualmente parece não existir no mundo um só lugar em que a educação seja simplesmente um fator de perpetuação de modos de vida e crenças tradicionais. O mundo está enredado em um vasto e variado processo de mudança, do qual a educação pode ser, quer o instrumento, quer o fator determinante.

O trabalho da educação pode ser mais ou menos bem feito, dependendo do grau em que os educadores lhe compreendam as possibilidades e as técnicas, bem como dos valores que se manifestam como os dominantes das sociedades modernas.

Referências

1. L. W. Simmons, editor, Sun Chief; New Haven, Conn.: Yale University Press, 1942. pp. 45, 51-2.
2. John Stuart Mill, Edited by R. B. McCallum, On Liberty; Oxford: Basil Blackwell, 1946. p.95.
3. A. J. Toynbee, A Study of History, Vol. IX, pp. 563-77. Oxford: Oxford University Press, 1954.
4. Wordsworth, Ode on Intimations of Mortality.